

Cavallo defende convertibilidade para Brasil

Maria Helena Tachinardi
de Buenos Aires

Ao fazer, ontem, uma vigorosa defesa da convertibilidade para o Brasil, o ex-ministro de Economia da Argentina, Domingo Cavallo, disse que o governo brasileiro teria, com esse plano, uma vantagem adicional, além de reduzir o custo recessivo e as altas taxas de juros provocadas pela desvalorização do real. Essa vantagem, segundo ele, seria a de resgatar a paternidade do plano que a Argentina adotou em 1º de abril de 1991, de paridade fixa do peso em relação do dólar. Na verdade, lembrou, foram os economistas brasileiros André Lara Resende e Pêrsio Arida que, em fevereiro daquele ano, lançaram a idéia, no arcabouço do Plano Real. "Eles já tinham um conceito de 'currency board' e são os 'autores intelectuais' desta iniciativa, afirmou Cavallo aos membros do Fórum de Líderes Empresariais do Mercosul, que realizaram, ontem, sua primeira reunião plenária desde a criação da entidade, em dezembro de 1998.

Deputado federal do Partido Ação pela República e candidato às eleições presidenciais de outubro, Cavallo acionou sua metralhadora giratória com críticas à dolarização da economia argentina, defendida pelo presidente Carlos Menem e rejeitada pelos EUA, e ao ex-ministro da Fa-

Para ministro, um câmbio fixo afastaria a inflação, e em cinco anos haveria uma "revitalização" do Mercosul e da produtividade.

zenda do Brasil, Delfim Netto, que, apesar de ser considerado por ele um economista brilhante, tem um discurso "voluntarista" equivocado. "Delfim acreditou que, com uma desvalorização do real de 15%, a taxa de juros iria baixar". Segundo Cavallo, isso funciona em países estáveis, como a França e a Inglaterra, mas não em economias como as do Brasil, Argentina e México.

O atual plano econômico brasileiro "não tem nada a ver com a idéia do Plano Real", que deveria, a seu ver, ter adotado a convertibilidade. Cavallo

acha que se o ministro da Fazenda, Pedro Malan, explicasse os benefícios de um câmbio fixo, como na Argentina, "as pessoas o veriam como coerente". Isso porque, afastaria o perigo da volta à inflação, levaria a uma queda nas taxas de juros e eliminaria os custos da recessão. Os exportadores brasileiros, que pensam ganhar com a desvalorização, se equivocam, ponderou o ex-ministro argentino. Com a recessão interna, eles perderam economia de es-

cala, estão recebendo menos dólares pelos produtos vendidos no exterior e a produtividade pode ser minada.

Cavallo disse que "o apoio popular a Fernando Henrique Cardoso está atado ao valor do Real. Isso é perigoso, econômica e politicamente". Em sua opinião, a atual política trará um alívio econômico "momentâneo". Mas, como restam quatro anos de mandato ao presidente brasileiro, "se ele perder a batalha, sem respaldo político, não fará as reformas necessárias".

Depois de uma longa defesa de políticas monetárias "qualitativas", em oposição às "quantitativas" (colocação de mais moeda em circulação), o ex-ministro disse não acreditar que o Brasil conseguirá cumprir a meta de 3% do superávit primário, neste ano, e enfatizou que o atual déficit fiscal brasileiro, de 7% do Produto Interno Bruto (PIB), "é insuportável". Para Cavallo, o superávit fiscal de 3% seria viável com uma mudança no sistema monetário, que permitisse ao governo reduzir a taxa de juros real

de 20% para 10%. Assim, conseguiria uma diminuição do custo do serviço da dívida de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para 5%.

Do ponto de vista técnico, o ex-ministro argentino acha que o Brasil tem reservas internacionais suficientes para "respaldar" a taxa fixa do câmbio a R\$ 1,70, num sistema descrito por ele como "bimonetário" vinculado ao dólar, sem eliminar a moeda local, exatamente como ocorre na Argentina. Com isso, acredita Cavallo, em cinco anos haveria uma "revitalização do Mercosul" e aumento da produtividade. Em um horizonte de dez anos, segundo ele, o peso e o real iriam se desgarrando do dólar para a criação de uma moeda comum do bloco. Esse passo permitiria aos países tirarem o máximo proveito da complementariedade do Mercosul. "Daríamos um salto qualitativo importante e teríamos aprendido com as experiências da Europa e do Japão. Esta é a solução inteligente", reiterou.

Ao contrário do presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil, Pratini de Moraes, Cavallo não acredita que o governo argentino "recorrerá a colocar travas no comércio" com o Brasil por conta da

desvalorização do real. "Haverá diálogo para evitar a guerra entre os nossos produtores, mas o Brasil e a Argentina viverão uma recessão mais forte que a do México na crise da Tequila", advertiu, lembrando que isso poderá ser evitado com a adoção da convertibilidade pelo governo brasileiro.

Segundo Pratini de Moraes, as exportações do Brasil para o Mercosul caíram mais do que as suas importações. Dados de janeiro deste ano revelam uma queda de 28,55% nas vendas brasileiras ao bloco e de 16,87% nas compras feitas aos três parceiros. "Há excesso de pessimismo. A crise não está sendo tão profunda quanto a anunciada", disse o empresário. Ele acredita que, a partir do segundo semestre, a economia brasileira voltará a crescer. Há setores no Brasil, como o químico, petroquímico, de autopeças e eletrônico, que estão tendo oportunidades de mercado com a mudança cambial, lembrou.

Para o diretor-presidente da Gazeta Mercantil, Luiz Fernando Ferreira Levy, "é vital para o Mercosul" a ampliação da presença do setor privado nos processos de decisão do bloco. Falando na abertura da reunião plenária do fórum, ele defendeu maior participação da elite econômica no "processo de desenvolvimento dos países".